

A MOITA,
OS BARCOS
E
O TEJO

Ficha Técnica

2.ª Edição

Câmara Municipal da Moita
Departamento de Acção Sócio-cultural

Roteiro e textos

Luís Jorge Gonçalves

Grafismo

Fernando Carvalho

Realização gráfica

Armazém e Papéis do Sado, Lda. – Setúbal

Depósito Legal

69000/93

Índice

O rio Tejo	<u>5</u>
O estuário do Tejo	<u>6</u>
A vida selvagem no estuário do Tejo	<u>6</u>
O rio Tejo no tempo	<u>8</u>
Nas terras em torno do estuários do Tejo	<u>11</u>
Nas terras do município da Moita	<u>17</u>
Actividades económicas na margem sul	<u>19</u>
Actividades económicas na área do município da Moita até meados do século XX	<u>22</u>
Os barcos do estuário do Tejo	<u>23</u>
Os barcos da C. M. Moita	<u>25</u>

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha
[aldeia,
mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela
[minha aldeia
porque o Tejo não é o rio que corre pela minha
[aldeia.

O Tejo tem grandes navios
e navega nele ainda,
para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,

O Tejo desce em Espanha
e o Tejo entra no mar em Portugal
toda a gente sabe isso
mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia

E para onde ele vai
e donde ele vem
e por isso, porque pertence a menos gente,
é mais livre e maior o rio da minha aldeia

Pelo Tejo vai-se para o mundo
e para além do Tejo há a América
e a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
do rio da minha aldeia

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada
quem está ao pé dele está só ao pé dele.

Fernando Pessoa



O rio Tejo

Extensão da nascente até à foz: 1010 Km,
dos quais 683 Km em Espanha,
280 Km em Portugal e 43 Km em comum



O Tejo e seus afluentes

O rio Tejo nasce no Cerro de S. Filipe (Fuente Garcia, Serra de Albarracim, Província de Cuenca).

Desce ao planalto de Castelo-a-Velha, atravessa a Estremadura espanhola e atinge o território português no ponto de confluência com o rio Erges. Serve de fronteira entre os dois países até à foz do rio Sever.

No seu percurso, em Portugal, o rio Tejo estabelece o limite sul da Beira Baixa e o limite norte do Alentejo. Atravessa o Ribatejo, atinge o estuário frente a Vila Franca de Xira e desagua em S. Julião da Barra.

No trajecto espanhol as principais cidades banhadas pelo rio Tejo são: Aranjuez, Toledo, Malpica, Talavera de la Reina e Alcântara. Em Portugal nas margens do Tejo encontramos: Vila Velha de Rodão, Abrantes, Constância, Santarém e Vila Franca de Xira. Na região do estuário os aglomerados urbanos mais importantes são Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal, Almada e Lisboa.

O estuário do Tejo

O estuário do Tejo tem uma área aproximada de 320 Km².

Em condições hidrológicas normais, o limite de intrusão das águas salgadas situa-se em: Vila Franca de Xira.

As dimensões do estuário associados às condições naturais e localização, fazem dele um cenário variado e rico de vida humana e selvagem:

- Como cenário de vida humana, o estuário concentra cidades, complexos industriais, portos comerciais e de pesca e cerca de 2 000 000 de Homens;
- Como cenário de vida selvagem, o estuário alberga populações de crustáceos, moluscos e vertebrados que utilizam os sapais das margens do rio como fonte de alimento, esconderijo e local de reprodução.

A vida selvagem no estuário do Tejo

Os ecossistemas dos estuários, figuram entre os sistemas naturais mais produtivos e diversificados de vida, na Terra, e expandem a sua influência e importância aos oceanos e rios que unem.

Os estuários em geral, e o do Tejo em particular, englobam três áreas, para além das águas livres: lodaçais (muito emersos na maré baixa), sapais e caniçais.

Nas áreas onde ocorrem os lodaçais e sapais encontra-se flora, em regra, densa mas de porte baixo (marraças e gramatas).

Nos caniçais, situados perifericamente aos estuários, o caniço é a espécie vegetal dominante.

Este ecossistema apresenta ainda uma elevada diversidade faunística com populações de crustáceos, moluscos e vertebrados marinhos que utilizam as águas dos sapais para se reproduzirem e se alimentarem.

Além deste grupo de espécies marinhas, encontramos insectos, anfíbios, répteis, mamíferos e aves que fazem desta área natural o seu habitat.

É entre as populações de aves que o estuário do Tejo apresenta maior variedade.

A importância do estuário do Tejo como ponto de passagem de aves, nos seus percursos migratórios, é atestado pelas concentrações invernais que chegam a ultrapassar mais de 60000 indivíduos de espécies diferentes.

Podem-se dividir do seguinte modo as aves do estuário do Tejo:



Espécies nidificantes: Garça-Pequena, Garça Vermelha e Perna Longa, entre outros;
Espécies de invernar: Flamingo-Comum, Ganso, Alfaiate, entre outros;
Espécies ocorrentes: Falcão Peregrino, Cegonha Branca, Tartaranhão-Azulado, entre outros.

Na região do estuário do Tejo, encontramos ainda anfíbios (sapo comum, o sapo de unha negra ou sapo parteiro fossador), répteis (sardanisca ibérica) e mamíferos como a lontra.

O Roaz Corniveiro deixou o estuário em consequência da poluição das águas.



Estuário do Tejo

 Sapal



A ocupação humana no estuário do Tejo

O rio Tejo no tempo

Este rio e esta terra desde há muito tempo que são descritos:

No século I a.C.

ESTRABÃO (geógrafo grego) descreveu-a assim:

"O Tejo com 20 estádios de largura na sua boca tem ao mesmo tempo profundidade para que os maiores barcos do comércio o possam subir; e como no preamar forma, alagando as planuras marginantes, dois mares interiores de uma extensão de 150 estádios, toda esta porção da planície se acha conquistada pela navegação. Destes dois lagos ou estuários que o Tejo forma, o que está situado mais acima contém uma pequena ilha de quase 30 estádios de comprimento, e outro tanto de largura, notável pela beleza dos seus olivais e vinhedos."

"... Ollosipon [Lisboa] (...) é pela sua posição a chave do rio, com o fim de dominar a sua curva. O rio é extraordinariamente abundante em peixe e ostras".



No séc. XII um ARABE de nome EDRISI, fala-nos de Lisboa, do Tejo e Almada

"Lisboa ergue-se na margem do rio que se chama Tejo ou rio de Toledo.

A sua largura junto de Lisboa é de seis milhas e a maré faz-se sentir aí vivamente. Esta bela cidade estende-se ao longo do rio, está cercada de muralhas e é protegida por um castelo. No centro da cidade existe uma fonte de água quente, tanto no Verão como no Inverno.

Situado nas proximidades do mar Tenebroso [Oceano Atlântico] esta cidade tem à sua frente, na margem oposta e junto à foz do rio, a parte de Almada, assim chamada porque o mar lança palhetas de ouro sobre a margem durante o Inverno, e os habitantes da região vão junto do forte à procura desse metal e entregam-se à faina com maior ou menos sucesso enquanto dura a estação rigorosa. É um facto curioso de que eu próprio fui testemunha."

No século XII OSBERNO E ARNULFO, 2 cruzados também nos legaram uma descrição:

"Este é um rio que desce da região de Toledo e em cujas margens se encontra oiro, quando no princípio da primavera as águas se recolhem ao leito.

Há nele tanta abundância de peixe, que os habitantes acreditam que dois terços da sua corrente são da água e outro terço são de peixe. É também rico em marisco como de "areia", e

é principalmente de notar que os peixes desta água conservam a sua gordura e sabor natural sem os mudar ou corromper por qualquer circunstância, como acontece entre nós [Inglaterra]. Ao sul do rio fica Almada, região abundante de vinhas, figos e romãs. Aterra ali é tão fértil de searas, que da mesma semente se recolhe o fruto duas vezes, é rica de mel celebrada pelas montarias de animais. Para os mesmos lados fica o castelo de Palmela.

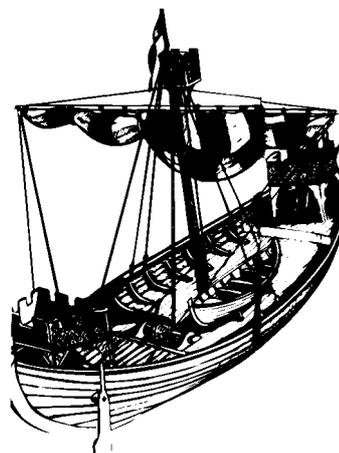
Diz-se, (...) que Lisboa é uma cidade fundada por Ulisses. Os seus terrenos bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, e a nenhuns são inferiores, pela abundância do solo fértil, quer se atenda à produtividade das árvores quer à das vinhas. É abundante de todas as mercadorias, ou sejam de elevado preço ou de uso corrente; tem oiro e prata. Não faltam ferreiros. Prospera ali a oliveira.

Não há nela inculco ou estéril, antes os seus campos são bons para toda a cultura. Não fabricam sal, escavam-no. É de tal modo abundante de figos, que nós a custo podemos consumir uma parte deles. Até nos poços vicejam os pastos.

É notável por muitos géneros de caça: não tem lebres, mas tem aves de várias espécies. Os seus ares são saudáveis, e há na cidade banhos quentes.

**No século XIV
na "Crónica Geral de Espanha"
é-nos apresentada
esta descrição**

"E quando enche o Tejo, sai pelo chão e cobre-a toda e depois que o rio desce fazem-se sementeiras muito boas (...). E fica a terra em boa maneira bem despostas que chega o pão a cegar com os primeiros...



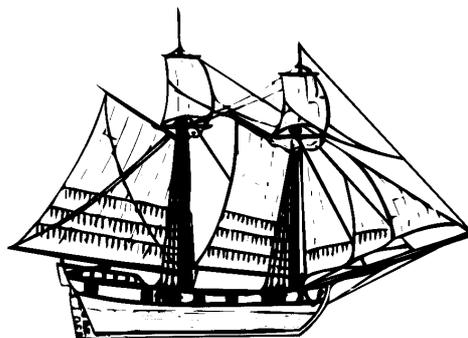
A cidade de Lisboa faz sobre o rio Tejo muito jeito donde entra no mar. Em Lisboa há vilas do seu senhorio, das quais uma é Almada e outra é Ossuno (Lisboa?) e outro é Sintra. E em Almada há um viveiro de fino ouro. E entre Lisboa e Almada vai um braço de mar que entra no Tejo.

**No século XV
Fernão Lopes,
Da "Crónica de D. Fernando",
deixa-nos este relato:**

" E portanto vinham de desvairadas partes navios a ela [Lisboa], em guisa [como deve ser] que aqueles que vinham de fora e com os que reino havia jaziam muitas vezes ante a cidade quatrocentos a quinhentos navios de carga, e estavam a carregar no rio de Sacavém e da ponta do Montijo à ponta do Ribatejo setenta e sessenta navios em cada lugar, carregando sal e vinhos; e para grande espessura de muitos navios que assim jaziam ante a cidade, como dizemos, iam ante as barcas de Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade".

No século XVI entre as muitas imagens do Tejo que nos chegaram, Duarte Nunes de Leão dá-nos esta:

"Passando duas léguas abaixo de Santarém, vem a água do mar receber este rio e vai alargando mais. E daí vai povoado de muitos lugares frescos, de muitos arvoredos e de muitos bons edifícios que fazem representação do paraíso terreal até chegar a Lisboa, onde se faz a maior e o mais famoso posto de todo o descoberto, assim por a segura estação das naus como por a formosíssima vista que de si dá a grande cidade de Lisboa de uma parte e de outra fronteira os lugares de Ribatejo e bordo do rio.



As excelências deste rio são mais que de nenhum outro da Europa".



No séc. XVIII o alemão LINK fala-nos também do Tejo e de Lisboa:

"Nada mais belo do que a vista de Lisboa quando se chega ao rio por Aldeia Galega, pela Moita ou por Cacilhas; não conheço nenhuma cidade com um aspecto tão imponente. Um plaino de água imensa formado pelo Tejo, que tem

muitas vezes mais de duas milhas de largo, completamente coberto de navios; uma cidade magestosa que se estende em anfiteatro nas colinas que ladeiam o rio, os seus arredores cobertos de casas de campo, de jardins e de Olivais, tudo isto forma um conjunto extraordinário e um aspecto magnífico de longe, a certa distância, dificilmente se distingue esta capital porque as margens do Tejo formam, por assim dizer, uma única cidade; as montanhas de rochedos a pique de Sintra que se elevam com pompa, distinguem-se com espanto a alta de Serra da Arrábida que emerge das charnecas (...). Pode-se contradizer os portugueses quando, nos seus passeios pelo Tejo, olham Lisboa como a cidade mais bela do mundo".

De início do século XX temos esta descrição de Alberto Pimentel:

O estuário do Tejo, entre Lisboa e Alhandra, na margem direita e o Barreiro e Alcochete, na margem esquerda, tem o nome de Mar da Palha e exerce uma função benéfica no regimen do rio, pois que, armazenado grande volume de águas da maré, estabelece correntes de refluxo, que impedem o assoreamento (...).



O rio Tejo foi outrora mais largo e amplo, e quando recuou, de ambas as margens, deixou nelas os gumes da fecundidade que ele, como bom vizinho, continua alimentando generosamente.

**Hoje és tu que vais
descrever
o que vês**

As terras em torno do estuário do Tejo

No ano 100 d.C., os territórios do estuário do Tejo estavam incorporados no Império Romano.

Trajano era o Imperador deste Império que ia da foz do rio Tejo às nascentes dos rios Tigre e Eufrates.

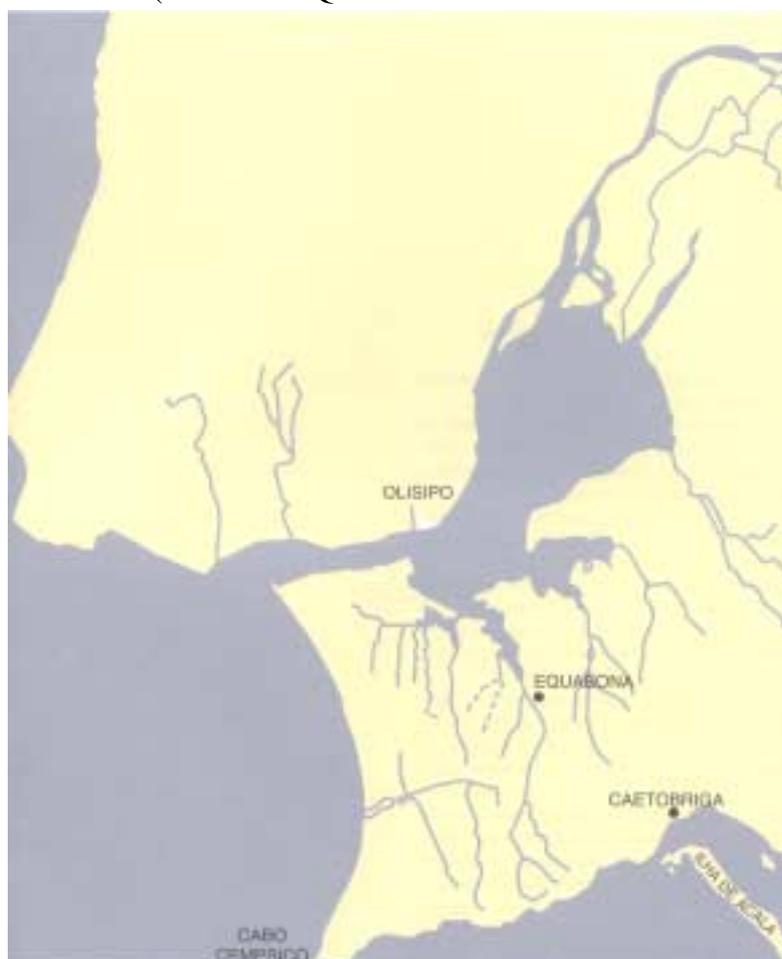
A região do estuário do Tejo pertencia à província da Lusitânia e ao *Conventus de Scallabis* (Santarém).

Olisipo Felicita Julia (Lisboa) era já a principal cidade das margens do estuário. Na margem sul *Equabona* (Coima) era, provavelmente, o centro urbano mais importante. Desta *Vici* ("aldeia") partia uma estrada em direcção a *Caetobriga* (Setúbal).

O grande símbolo do estuário do Tejo, na época Romana, era a indústria de preparados de peixe. Ao longo das margens do estuário, encontramos ainda hoje vestígios desta actividade económica como as *caetareas* (tanques) de transformação do pescado, (Cacilhas, Casa dos Bicos e Rua Augusta) e fornos de ânforas (Corroios - Quinta do Rouxinol - e Alcochete - Porto dos Cacos).

Esta indústria funcionou entre o séc. I d.C. e século V d.C. A produção dos preparados tinha por base peixe (atum, sardinha, cavala), crustáceos e moluscos pescados nas águas dos esteiros do Tejo e frente à foz do rio

**O estuário do Tejo
na época romana**



Em 1300, D. Dinis era rei de Portugal.

Lisboa já era a Capital do Reino.

O espaço ocupado por Lisboa, limitava-se ao que é hoje a Alfama, Mouraria e o Castelo.

O Palácio real situava-se então, no Castelo de S. Jorge. Em torno de Lisboa (no que é hoje o Martim Moniz ou a Av. Almirante Reis) encontrávamos hortas cultivadas por Mouros.

Pelo Rossio, passava uma ribeira que desaguava no local onde hoje é a Praça do Comércio.

Na margem sul, Almada era o centro urbano mais importante.

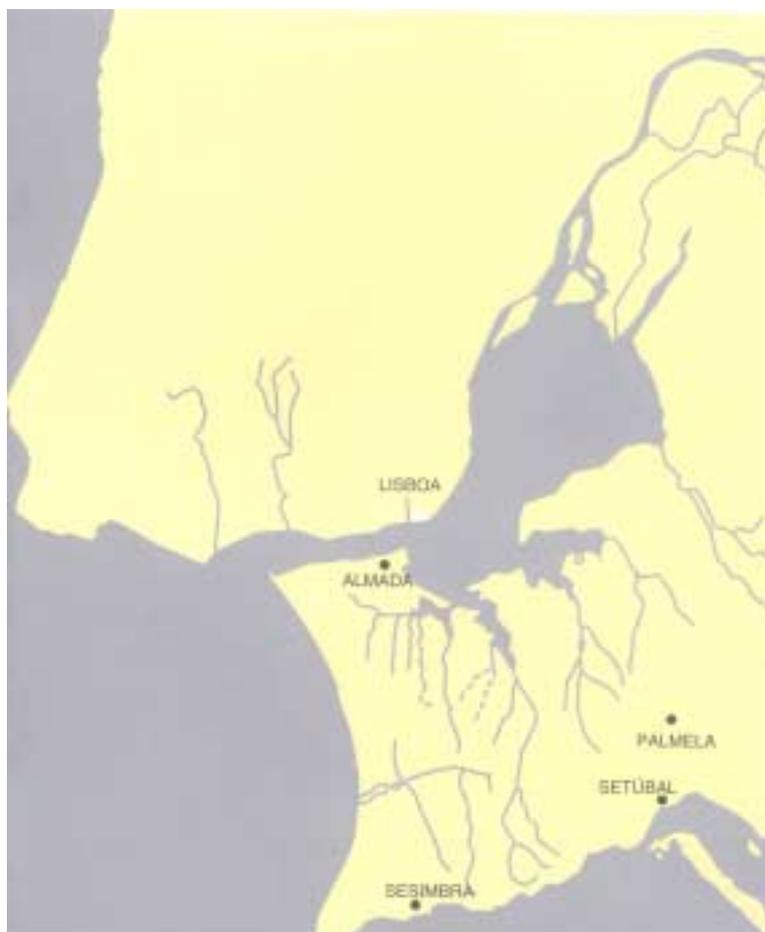
Em 1190, o rei D. Sancho I outorgou foral à Vila. Os outros centros urbanos e militares da península da Arrábida, eram Palmela (centro militar), Sesimbra e Setúbal (portos marítimos).

O restante território da península estava ocupado por charnecas, moitas, pinhais e montados de sobro. Nestas terras circulavam, provavelmente, lenhadores que se estabeleciam em acampamentos provisórios. Com o tempo estes acampamentos tornaram-se permanentes, originando povoações como a Moita, cuja referência mais antiga remonta a 1384.

Nas margens do rio Tejo, iam-se igualmente estabelecendo pequenas comunidades de pescadores e salineiros.

Com o tempo, estas comunidades diversificaram as suas actividades e a agricultura passou a ser uma das actividades mais importantes dos moradores da margem sul.

Os sectores de actividade ligados aos abastecimentos a Lisboa, passam a ser a partir do século XIII a principal ocupação das populações aqui estabelecidas.



**O estuário do Tejo
No ano de 1300**

Em 1550, D. João III era rei de Portugal.

O Palácio do rei situava-se na ribeira das Naus (lado poente da Praça do Comércio).

Lisboa tinha cerca de 100 000 habitantes, o que a colocava entre as grandes cidades europeias. A área ocupada por Lisboa, ia nesta época do convento da Madre de Deus a Santos.

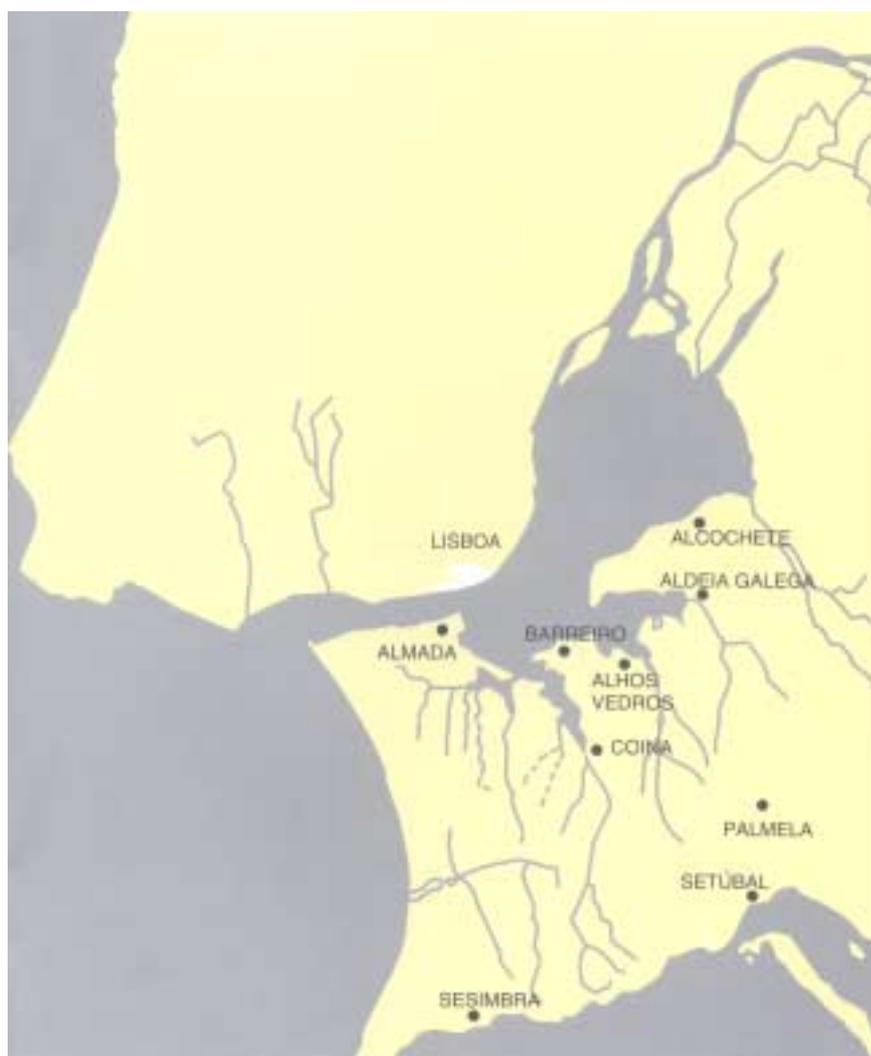
Em Belém desenvolveu-se um novo núcleo urbano em tomo do Mosteiro dos Jerónimos.

Na margem Sul, Alhos Vedros em 1514, Alcochete e Aldeia Galega em 1515, Coina em 1516 e o Barreiro em 1521 receberam forais do rei D. Manuel.

Estes Forais, vinham confirmar o rápido crescimento e a vitalidade económica da Região que contava já, com grandes centros urbanos como Almada, Sesimbra, Palmela e Setúbal.

Outras povoações e quintas (como é o caso da Moita ou da quinta do Esteiro Furado - Rosário), conhecem também um grande desenvolvimento e figuravam já nos documentos da época.

No ano de 1527, a Moita teria 14 vizinhos e Alhos Vedros 138. Em 1571 esta vila já contava com 300 vizinhos.



**O estuário do Tejo
no ano de 1550**

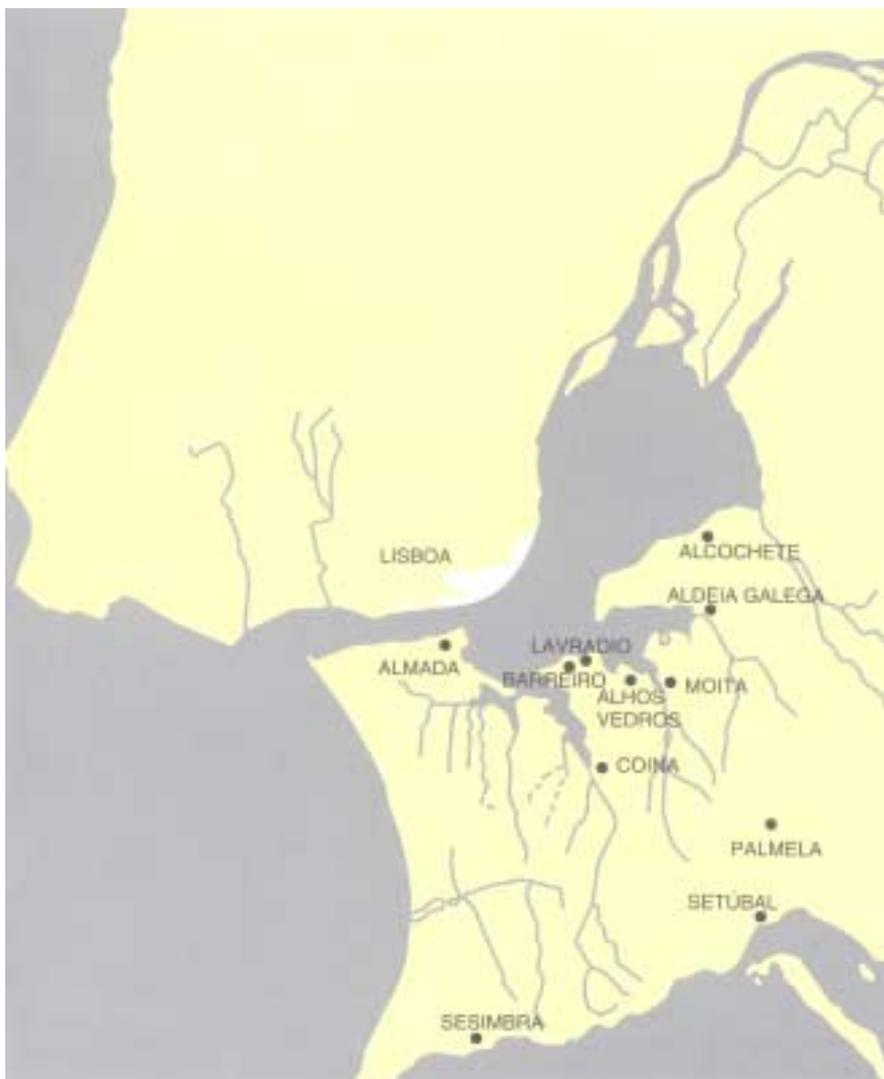
Em 1700, D. Pedro II era Rei de Portugal.

Começavam a chegar ao Reino as primeiras remessas de ouro do Brasil.

Lisboa, não tendo o esplendor de 1550, continuava a ser uma grande cidade.

A margem sul do estuário do Tejo continuava em grande crescimento. Em 1670 foi criado o Concelho do Lavradio e em 16910 Concelho da Moita.

A elevação da Moita a Vila, justificava-se pelo rápido desenvolvimento que conheceu, mercê das ligações de barco entre as duas margens.



**O estuário do Tejo
no ano de 1700**

Em 1900, D. Luís era Rei de Portugal.

A residência oficial do rei dividia-se entre o Palácio da Ajuda e de Belém.

A monarquia constitucional estava em profunda crise. A república ganhava cada vez mais adeptos, até ser implantada em 1910.

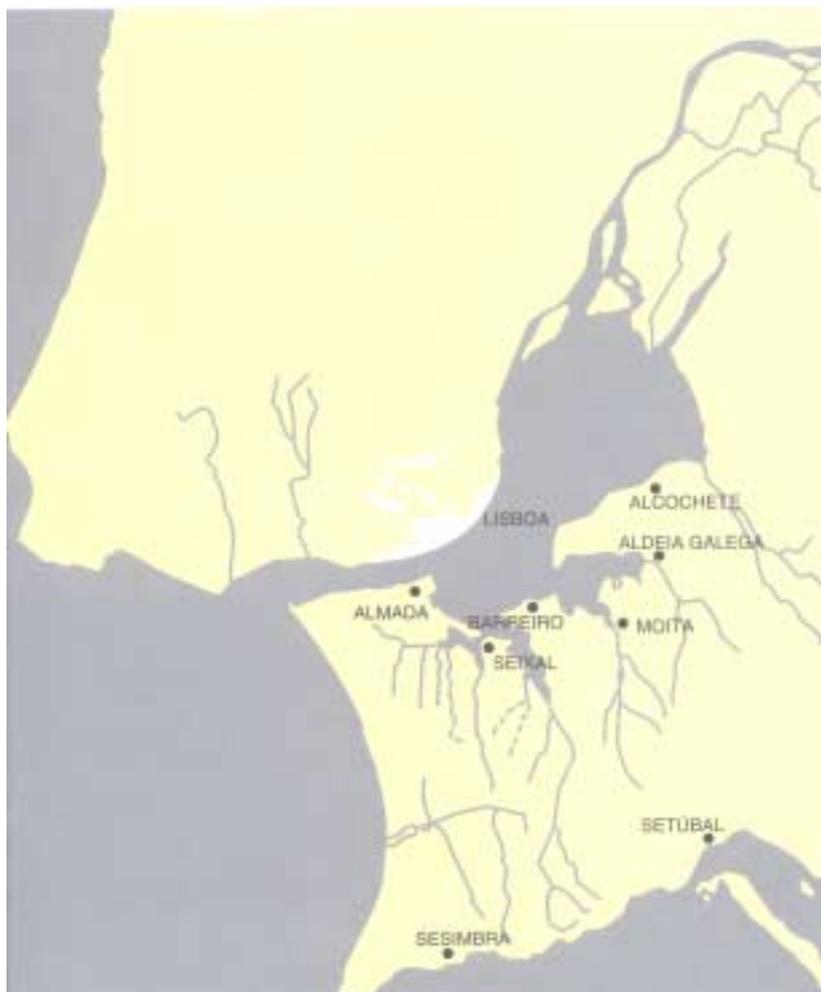
Alcântara e Xabregas eram os principais centros industriais em torno de Lisboa.

O limite norte de Lisboa era a Praça da Rotunda (Praça Marquês de Pombal).

O Vapor já fazia a ligação entre a Praça do Comércio e a estação dos comboios do Barreiro. Começavam também a surgir os primeiros projectos da ponte para ligar as duas margens do Tejo.

Enquanto a ponte não era construída, a margem sul continuava a ter um grande desenvolvimento económico.

No Barreiro, a CUF tinha começado a laborar , como fábrica de sabões e a indústria corticeira instalava-se em Almada, Seixal, Barreiro, Alhos Vedros, Moita e Montijo.

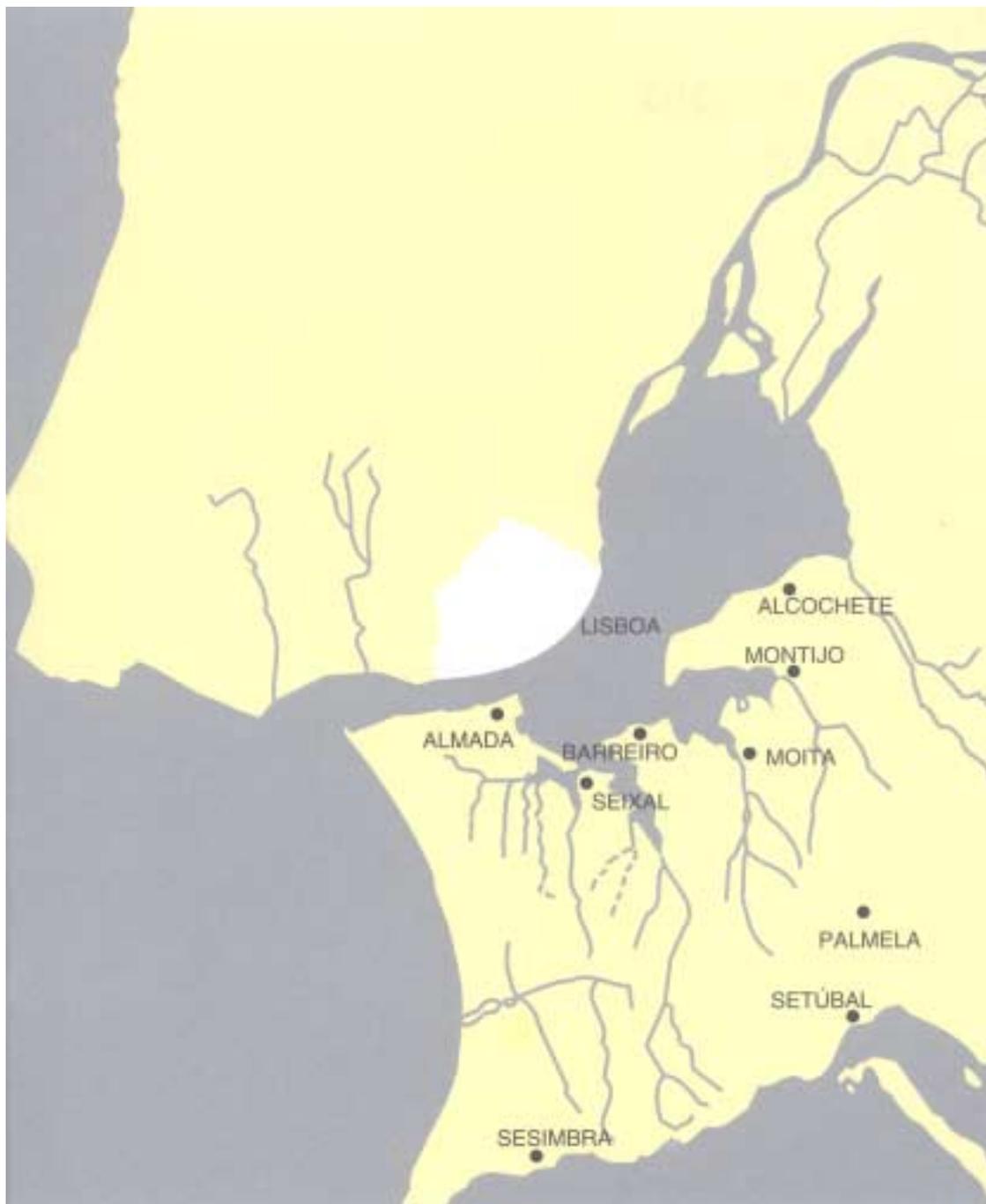


**O estuário do Tejo
no ano de 1900**

Hoje:

Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete são os municípios ribeirinhos da margem sul do estuário do Tejo.

Proponho que escrevas sobre o município onde vives e sobre a cidade de Lisboa...

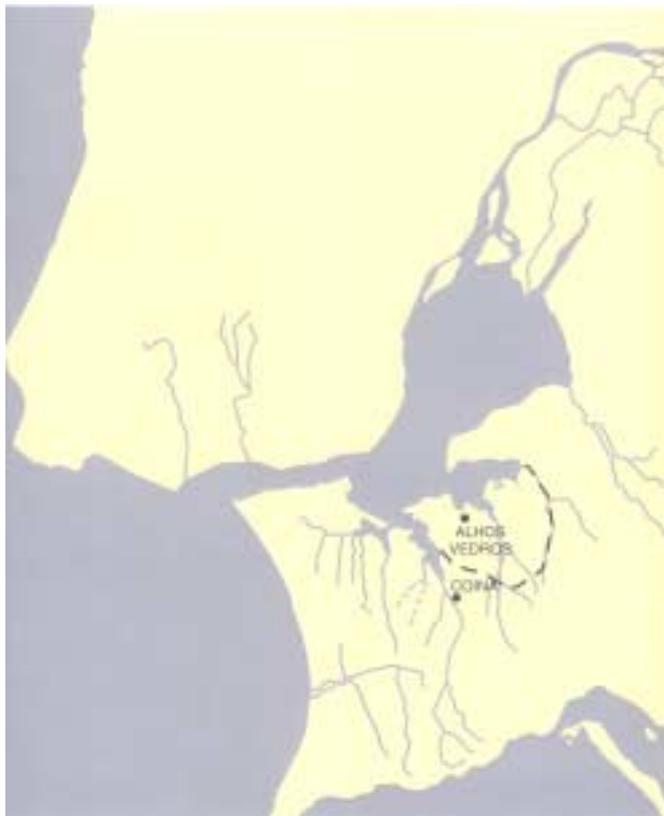


**O estuário do Tejo
em 1993**

Nas terras do município da Moita

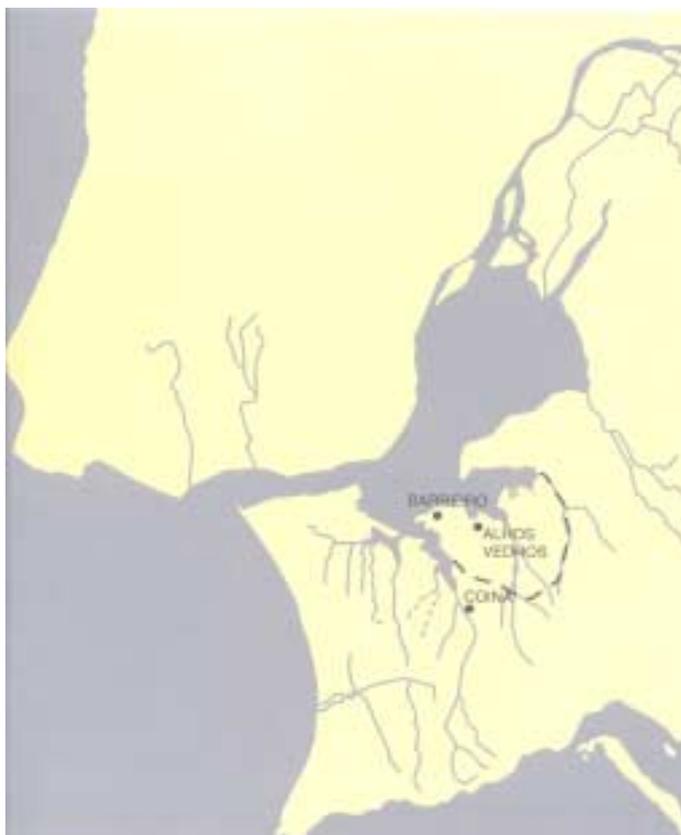
O Concelho de Alhos Vedros foi criado em 1514 através de Carta de Foral do Rei D. Manuel I.

Este Concelho incluía, então, os lugares da Moita (14 vizinhos), Barreiro, Quinta da Verderena, Palhais, Banheira, Praial, Barra-a-Barra, Murtal, Sobreiro e Telha. Os concelhos vizinhos de Alhos Vedros eram Aldeia Galega, Palmela e Coina.



**O concelho de Alhos Vedros
no ano de 1514**

O crescimento do Barreiro, justificou a separação administrativa desta freguesia de Alhos Vedros em 1521. No entanto, os seus habitantes ficaram obrigados a contribuir financeiramente para a procissão da Festa de Nossa Senhora dos Anjos (Alhos Vedros).



**Os concelhos do Barreiro
e Alhos Vedros
de 1521**

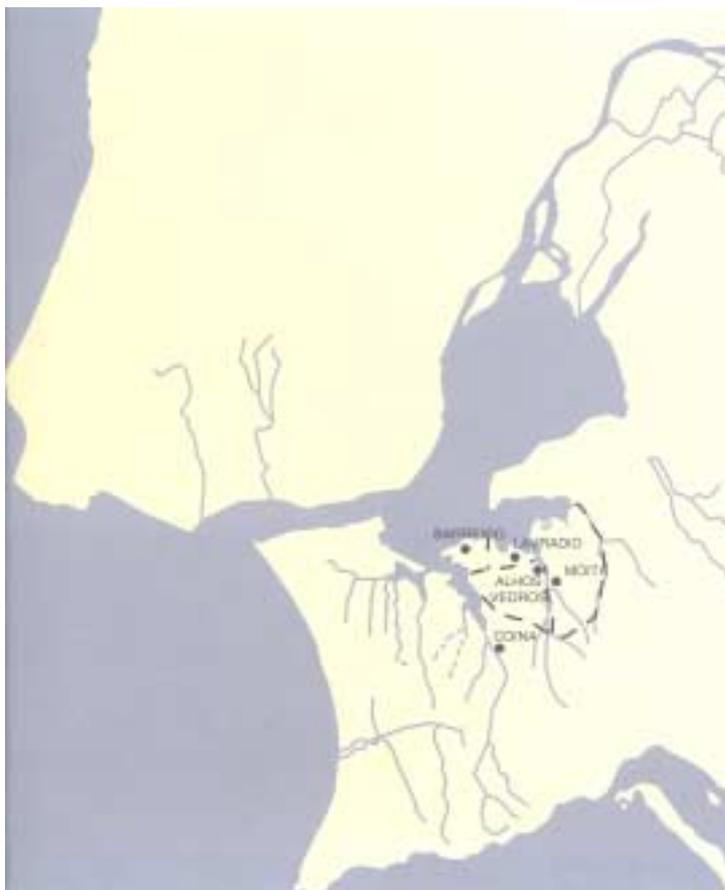
A união das Coroas Ibéricas com Filipe II em 1580, levou a que as ligações entre Lisboa e Madrid se tornassem muito frequentes.

O caminho mais rápido entre as duas cidades passava por Aldeia Galega ou pela Moita. Os viajantes tomavam em Lisboa o barco da carreira, em direcção a Aldeia Galega ou Moita, que os levaria à estrada de ligação a Madrid.

Este transporte de passageiros, permitiu que a Moita, se tornasse um dos lugares da margem sul com maior actividade fluvial.

Este rápido crescimento, justificou a elevação da Moita a Vila em 1691 por parte de D. Pedro II. Por esta época iniciaram-se as obras da Igreja da Nossa Senhora da Boa Viagem, reforçando ainda mais as ligações da Moita ao Rio Tejo.

Os novos concelhos da Moita e Lavradio no ano de 1700



Hoje o Município da Moita tem 55 Km² e 6 freguesias:
Alhos Vedros - 15 Km²
Baixa da Banheira - 2 Km²
Gaio-Rosário - 4 Km²
Moita - 17 Km²
Sarilhos Pequenos - 2,6 Km²
Vale da Amoreira - 2,4 Km².

Escreve as principais datas sobre a formação do actual concelho desde 1836:

O Município da Moita em 1993



Actividades económicas na margem sul

Desde a Idade Média até meados deste século que se instalaram ao longo da margem Sul do Estuário do Tejo infraestruturas de apoio à produção de bens necessários a Lisboa.

São as quintas agrícolas, os estaleiros navais, os formos de cal, de cerâmica e de vidro, os moinhos de maré e de vento, as salinas, os viveiros de ostras e os pinhais, montados e moitas onde era recolhida a lenha.

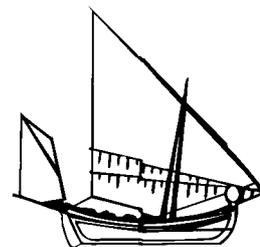
As quintas agrícolas

Nas quintas distribuídas ao longo das margens do Tejo produziram-se os legumes, as hortaliças, os cereais as batatas ou o vinho que diariamente abasteciam Lisboa. Hoje podemos encontrar vestígios destas quintas do Monte da Caparica a Alcochete, passando por Arrentela, Seixal, Coina, Alhos Vedros, Moita, Rosário ou Sarilhos Pequenos.

Destaca-se pela sua grandiosidade a Quinta do Esteiro Furado (Sarilhos Pequenos) onde ainda hoje podemos ver o palácio e a capela, as levadas de água, as casas dos caseiros, os estábulos, o moinho de maré e o porto privado onde os produtos eram embarcados para Lisboa.

Os estaleiros navais

As praias da margem sul e a proximidade aos pinhais e montados de sobre, criaram condições para a instalação de estaleiros na Margueira (Almada), Arrentela, Seixal, Barreiro, Gaio-Rosário e Sarilhos Pequenos.



Hoje apenas os dois últimos continuam em actividade.

Fornos de cal, cerâmica e vidro

A proximidade do combustível (lenha) levou à instalação desde, pelo menos, o século XV de fornos de cerâmica, de biscoito, de cal e de vidro ao longo das margens do estuário do rio.

São os fornos de cerâmica da Quinta da Machada de onde se produzia a cerâmica de uso comum e as formas do biscoito e do açúcar; os fornos de cal da Arrentela, Seixal, Coina, Barreiro, Alhos Vedros, Moita, Montijo e Alcochete e os fornos das fábricas de vidro de Coina, Moita e Montijo.

Moinhos de maré e de vento

A moagem dos cereais levou ao aproveitamento das condições naturais da região do estuário do Tejo. Para o efeito são criados dois tipos de engenhos: os moinhos de maré e os moinhos de vento.

Os moinhos de maré, aproveitavam a energia fornecida pela subida e descida das marés, que fazia movimentar os rodízios que por sua vez faziam circular as mós onde era moído o cereal.

Hoje, ainda podemos observar vestígios de moinhos ao longo das margens do Tejo, sendo o Moinho de Corroios e o Moinho de Alhos Vedros aqueles que nos possibilitam um olhar mais atento ao seu funcionamento.

Os moinhos de vento estavam instalados onde quer que os ventos possibilitassem a energia suficiente para movimentar as velas. De entre os moinhos de vento merece um olhar atento o moinho de Alborrica, no Barreiro, que chegou a ser considerado o maior de Portugal.

As salinas

As primeiras notícias da extracção de sal no Tejo remontam a 1274, mas tanto na época Romana como Islâmica, houve o aproveitamento deste produto.

Os principais centros onde se fazia a exploração do sal eram Alcochete, Aldeia Galega (Montijo), Moita (no Gaio), Alhos Vedros e Lavradio.

Ainda hoje em Alcochete, Rosário e Alhos Vedros, podemos ver as margens do rio talhados pelo que resta desta actividade, tão próspera em outros tempos, mas de trabalho muito duro.

Viveiros de ostra

A cultura de ostra foi uma das actividades mais lucrativas da margem sul do estuário do Tejo.

Em viveiros que se estendiam pelos esteiros, junto às salinas e na Ilha do Rato, produziu-se até meados dos anos 60, ostras que forneciam os mercados de Lisboa, França e Inglaterra.

Hoje restam milhares de fragmentos de conchas e os vestígios dos viveiros ainda bem visíveis na Ilha do Rato.

Pinhais e montados de sobro

Até ao início do século XX, entre as povoações do Borda d'Água e da Outra Banda e a encosta Norte da Serra da Arrábida, existia uma extensa mancha de pinhal, montado de sobro e moitas onde era recolhida a lenha e fabricado o carvão que diariamente eram enviados para os fornos e lareiras de Lisboa.

Vinho

A produção de vinhos de qualidade e correntes, constituiu até meados do século XIX uma das principais actividades das populações agrícolas da margem sul.

Alguns dos documentos mais antigos (sobre a região, que remontam ao século XIII) referem já as vinhas do Lavradio e Alhos Vedros.

No século XVII, eram celebrados e exportados para a Inglaterra e Alemanha os vinhos da Charneca da Caparica, do Barreiro, do Lavradio, de Alhos Vedros e de Alcochete.

Mas famoso era o vinho da Quinta da Barra-a-Barra no Lavradio!

Hoje, os vinhos da região são uma recordação que vive nas ruínas dos lagares e no trabalho dos poucos tanoeiros que ainda subsistem na Caparica, Quinta da Marinha (Seixal) e Moita.



Actividades económicas na área do município da Moita até meado do século XX

Desde o século XII que as actividades económicas tradicionais no que é hoje o concelho da Moita, se repartiram entre a recolha de lenha, a extracção do sal, a agricultura, o fabrico de cal e do vidro, a moagem de cereais (em moinhos de maré ou vento), a construção naval e as actividades ligadas ao transporte fluvial:

- a recolha de lenha fazia-se nos pinhais, nos montados de sobre ou nas moitas que ocupavam as terras do que é hoje a Barra Cheia, o Vale da Amoreira, o Carvalhinho, o Penteado ou as Arroiteias;

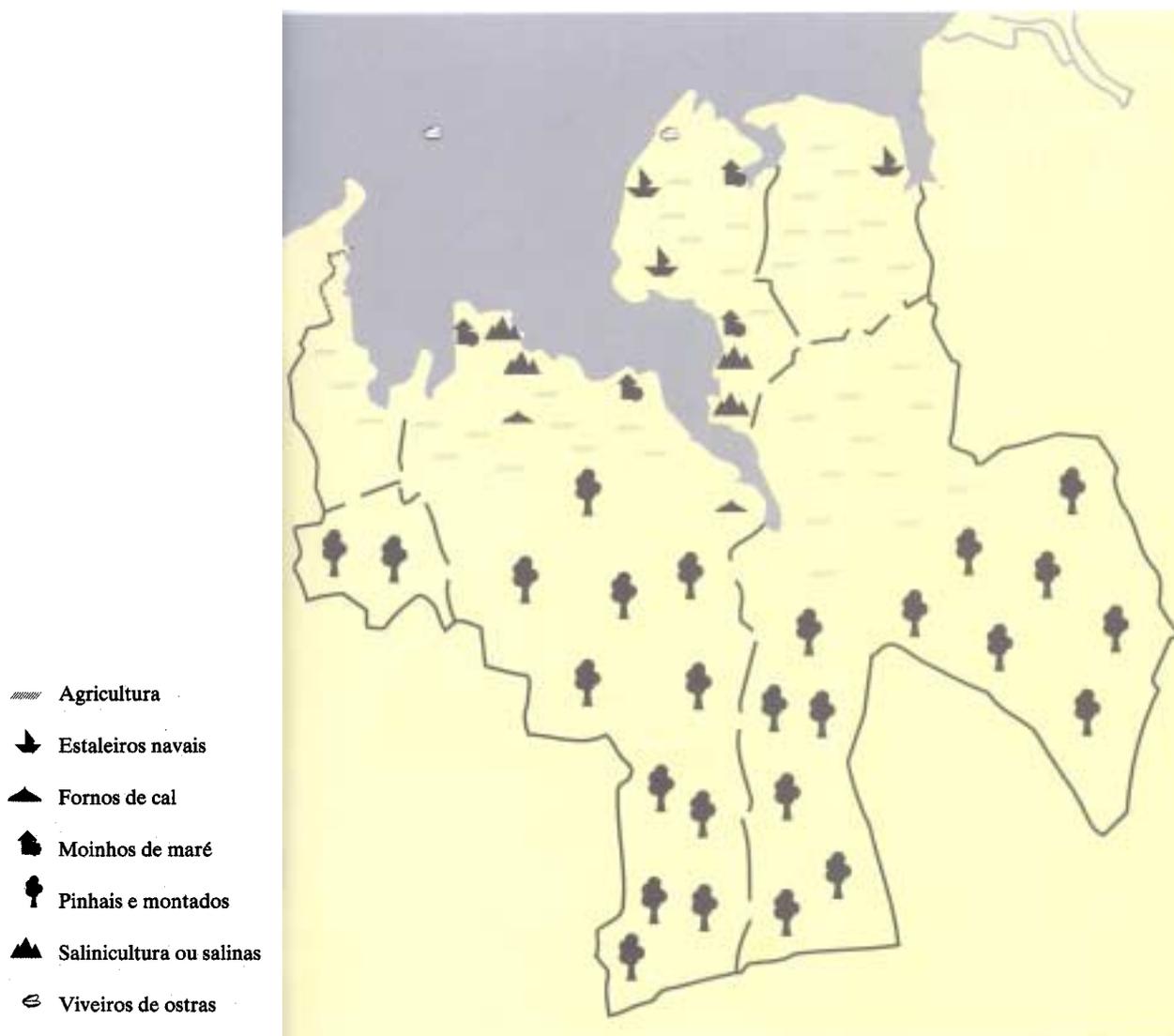
- a extracção do sal fazia-se ao longo das margens do Tejo em Alhos Vedros e entre a Moita e o Gaio;

- a agricultura em quintas em torno de Alhos Vedros, da Moita, do Rosário e Sarilhos Pequenos;

- a construção naval nos estaleiros situados nas praias do Gaio, do Rosário e Sarilhos Pequenos;

- a moagem de cereais nos moinhos de maré e vento;

- a produção da cal e do vidro em fornos que existiram na Moita e Alhos Vedros e tirando partido da abundância de lenha.



Os barcos do estuário do Tejo

As ligações entre as duas margens do estuário do Tejo, levou ao desenvolvimento de embarcações especializadas no transporte de passageiros e mercadorias.

Os tipos de barcos que foram surgindo para cruzar o Mar da Palha e subir o rio, especializaram-se de acordo com as funções, percursos e também o sentimento estético das populações ribeirinhas.

No início do século XX existiam os seguintes tipos de embarcações a navegar no Tejo:

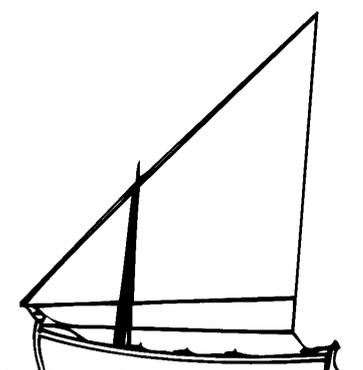


Fig. 1

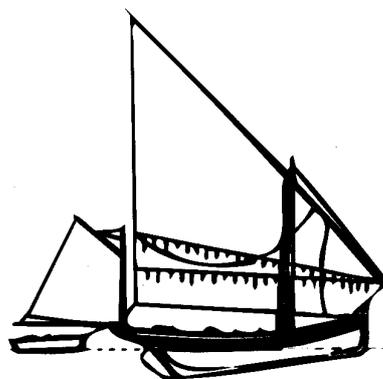


Fig. 2

- 1) Embarcações de transporte de passageiros e eventualmente de mercadorias:
 - CATRAIOS OU BOTES DE CATRAIAR, destinavam-se a transportar passageiros entre os vapores e o cais;
 - CACILHEIROS OU CANOA PICADA, destinavam-se ao transporte de passageiros entre Lisboa e Cacilhas; (Fig. 1)
 - FALUAS, destinavam-se ao transporte de passageiros entre Seixal ou Aldeia Galega e Lisboa; (Fig. 2)

- 2) Embarcações de transporte de mercadorias:
 - FRAGATAS, destinavam-se ao transporte de cortiça, cereais, areia ou carvão; (Fig. 3)
 - BOTE-FRAGATA OU BOTE DE MEIA-QUILHA, mais pequena que a FRAGATA, fazia o mesmo tipo de transporte que esta última;

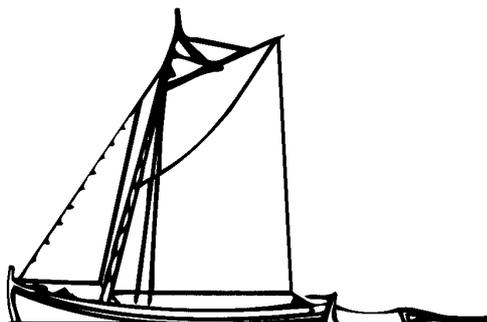


Fig. 3

- 3) Embarcações de navegação em águas pouco profundas:
- BARCO D' ÁGUA ACIMA OU BULÉ, destinava-se ao transporte de passageiros pelo Tejo acima; (Fig,4)
 - VARINO, destinava-se ao transporte de mercadorias; (Fig, 5)



Fig. 4

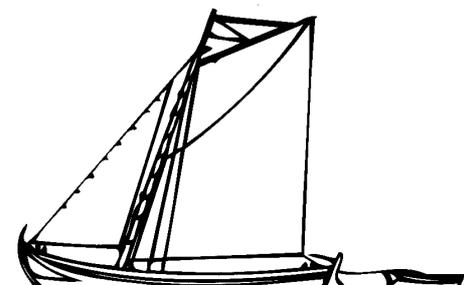


Fig. 5

- 4) Embarcações de transporte de mercadorias especializadas :
- BARCO DE PINHO
 - BARCO DOS MOINHOS
 - BARCO DA PEDRA
 - ENVIADA

- 5) Embarcações de pesca:
- MULETA (Fig. 6)
 - CATRAIOS
 - SA VEIROS
 - BARCO D' ARMAÇÃO
 - CANOA

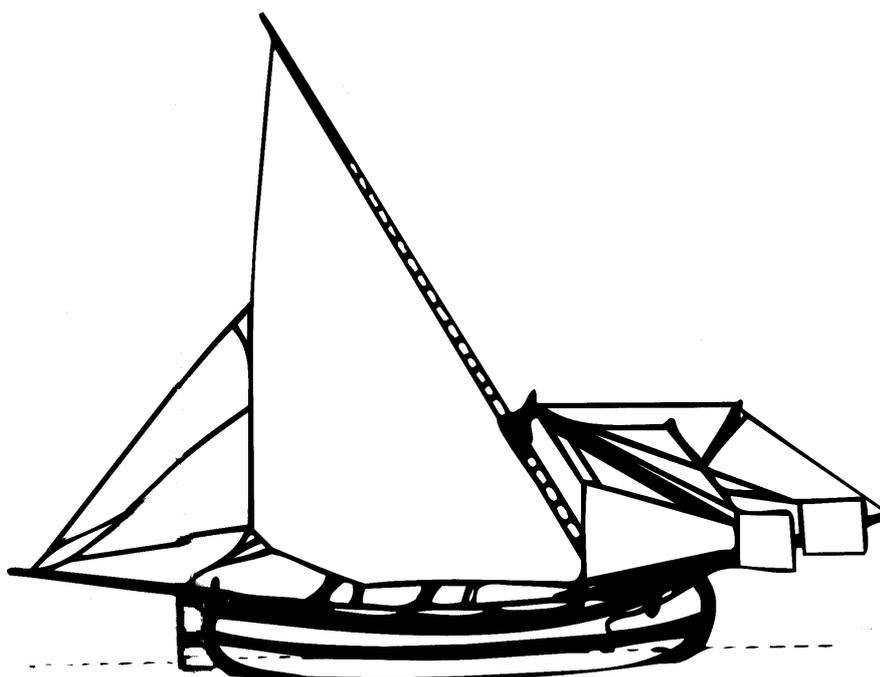


Fig. 6

Os barcos da C.M. da Moita

"O BOA VIAGEM" (Fig. 8) é um Varino, recuperado em 1981 por iniciativa da Câmara Municipal da Moita. Provavelmente foi construído antes de 1930 tendo recebido o nome de "ALBANO I" (nome do proprietário). Durante cerca de 50 anos transportou nas águas do Tejo cortiça, ferro, areia, farinha, etc. A sua tripulação era composta por 4 homens (um arrais, dois camaradas e um moço).

Dimensões:

- 20,64 m de comprimento
- 5,25 m de boca
- 1,45 m de pontal
- 37,92 toneladas de arqueação bruto.

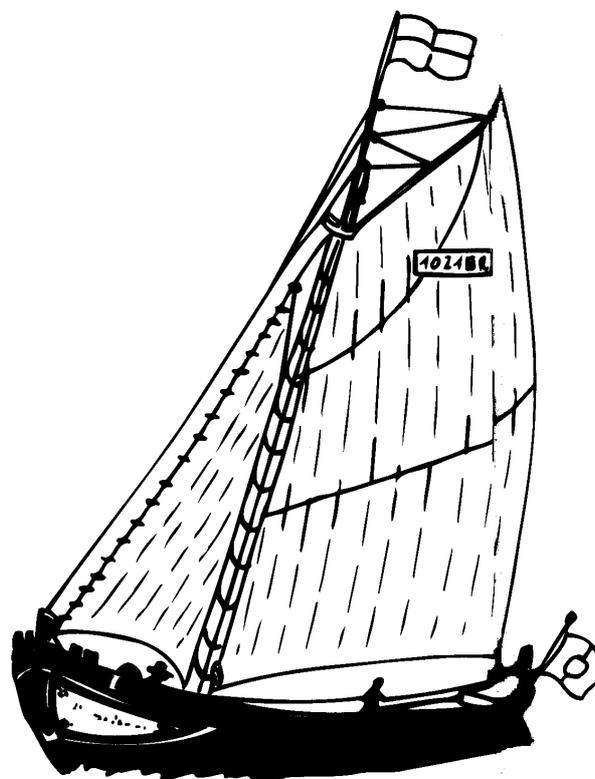


Fig. 7

"A POMBINHA" (Fig. 8) é um Bote de meia-quilha construído por volta de 1920 e recuperado em 1985 por iniciativa da Câmara Municipal da Moita. Tinha uma tripulação de 3 homens (um arrais, um camarada e um moço) e nele se transportava cortiça, cereais e produtos hortícolas.

Dimensões:

- 15,73 m de comprimento
- 4,80 m de boca
- 1,61 m de pontal
- 30 toneladas de arqueação bruto.

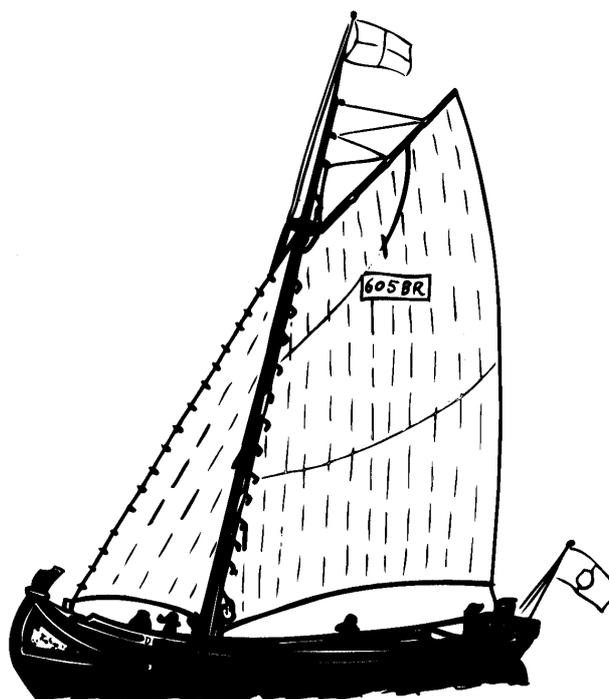


Fig. 8